

QUINTA CRUZADA

(1217 -1221)

O DESENCADEAMENTO. A Igreja necessitava concluir as Cruzadas e o Papa buscou uma desculpa para outra missão: Os Ayyubies não só ocupavam o reino de Jerusalém, mas que se estavam preparando para defendê-la com a fortificação do monte Tabor, em Galileia.

O CHAMAMENTO. O pontífice Inocêncio III proclamou uma nova Cruzada a partir da Bula Quia Maior (1213)

Entretanto, com a Quarta Cruzada pregada pelo papa Inocêncio III entre 1202 e 1204, os interesses da Igreja Católica seriam desviados pelo duque de Veneza Enrico Dandolo. A comitiva para a Quarta Cruzada era liderada por Balduíno IX, Conde de Flandres e o Marquês de Montferrant. Eles estavam com algumas dificuldades de pagar a extrema quantia exigida por Veneza para a travessia dos barcos e locomoção do Exército para o Egito.

Após o desvio de interesses que caracterizou a quarta Cruzada em 1204, o papa Inocêncio III propôs, em 1215, o empreendimento de uma nova Cruzada através do Quarto Concílio de Latrão, um dos mais importantes eventos da Idade Média onde se reuniam líderes religiosos e laicos de diversas regiões para discutir temas condizentes à Igreja Católica.

Entretanto, ela só seria efetivamente posta em prática em 1217, a mando do papa Honório III. Os líderes daquela que seria a Quinta Cruzada eram: André II, rei da Hungria; Leopoldo VI, duque da Áustria; Jean de Brienne, considerado por eles rei de Jerusalém; e Frederico II, do Sacro Império Romano.



Mapa da quinta Cruzada

Por mais que Jerusalém fosse o alvo dos cruzados, eles decidiram atacar primeiro a cidade de Cairo, no Egito. Frederico II, que estava a frente da comitiva, deparou-se com um conflito interno entre os sultões do Egito e Damasco. Conquistaram uma pequena fortaleza e receberam reforço papal com a chegada do autoritário cardeal Pelágio

.Em 1219, com um acordo de paz, os muçulmanos propõem a entrega de Jerusalém aos cristãos com a condição de que eles se retirem do Egito. O Cardeal Pelágio nega a oferta alegando que os egípcios não resistiriam ao ataque dos cruzados com a chegada de Frederico II.

Depois da demorada reorganização da Cruzada novamente até o Egito, em 1221 os cristãos avançaram até Cairo. Porém, após a recusa das ofertas dos muçulmanos, depararam com uma emboscada em que estariam completamente cercados e sem acesso à comida.

Para a retirada completa dos cristãos, os egípcios fizeram uma nova proposta: deixaria eles se retirarem com vida caso aceitassem a imposição de uma trégua por oito anos de paz. Sem a chegada das tropas de Frederico II, os cruzados tiveram que se retirar da cidade. Visto como o personagem central do fracasso da Quinta Cruzada, Frederico II foi excomungado da Igreja pelo papa Gregório IX.



Leopoldo VI de Áustria

França foi sempre pátria de Cruzados. Até ao ponto dos muçulmanos lhes chamarem de Francos aos Cristãos. Desta vez, no entanto o Pontificado não podia contar com este país para restabelecer a reputação das Cruzadas, depois do desastre da quarta. França tinha a heresia em casa, com os Albigenses ou Cátaros, e contra eles haviam empreendido sua cruzada particular. Para a nova expedição Inocêncio III recebeu praticamente o apoio de dois líderes: Leopoldo IV de Áustria e André de Hungria.



MUITO RUÍDO PARA NADA

O objetivo fixado foi a conquista de Damietta, uma cidade costeira situada no delta do Nilo. Durante o sítio, Inocêncio III mandou a um legado Papal para supervisionar a marcha da Cruzada, o português Pelágio de Albano, e Leopoldo de Áustria regressou a seus domínios. O certo sobre Damietta foi sangrante para a população Muçulmana.

Várias vezes o Sultão al-Kamil ofereceu um trato aos Cruzados: intercambiar Damietta pelos territórios do reino de Jerusalém em mãos Sarracenos, a exceção de uma franja em Transjordânia. A proposta foi recusada pelo intransigente Pelágio, pouco amante das concepções. O legado ia pagar caro sua obstinação. Depois da conquista de Damietta se decidiu seguir ocupando o país. Desconhecedores das dificuldades que oferecia o Delta do Nilo, os Cruzados sofreram uma humilhante derrota e tiveram que abandonar Egito. A recuperação de Jerusalém havia estado muito perto, mas ao final a Cruzada havia sido em vão.



Retirada dos Cruzados pelo delta do Nilo

RESUMO

1 SPALATO

Finais de Agosto – Setembro de 1217.

Em Agosto partiu o duque Leopoldo VI de Áustria (que estava interessado no Sacro Império) e um mês mais tarde o rei André de Hungria.

2 ACRE

Setembro de 1217 - Maio de 1218

A falta de um comando militar de unidade e a falta de um objetivo claro, se empreenderam algumas expedições contra os Sarracenos, sem travar batalha alguma, e os Cruzados empregaram o tempo em fortificar as posições ainda em mãos Cristãs. André de Hungria abandonou a Cruzada em Janeiro de 1218. Finalmente se decidiu tomar um ponto estratégico dos Ayubidas :

3 DAMIETA

Finais de Maio de 1218- Julho de 1221.

Em pleno Delta do Nilo, com um braço do mesmo atravessando o território e com zonas navegáveis, esta cidade era um lugar difícil de conquistar.

Para tomar as Muralhas se teve que recorrer ao engenho: sobre dois barcos unidos com cordas se construiu uma plataforma onde se armaram máquinas de assédio. E ainda se tiveram que cortar correntes que impediam a entrada de barcos na cidade. Em Maio de 1219 Leopoldo de Áustria abandonou o longo assédio. A cidade caía em 5 de Novembro.

4 AL-MANSURAH

Julho – Agosto de 1221

Depois da caída de Damietta, as tropas Muçulmanas recuaram para uma cidade acampamento em AL- Mansurah. Em Julho de 1221, os Cruzados puseram rumo para lá e fixaram sua base de operações justa em frente, num lugar em que o Nilo recebia as águas de um afluente. Seu desconhecimento sobre a hidrografia do local resultou desastroso: o Sultão AL – Kamil mandou abrir os diques do rio, que para mais estava em plena cheia. E os Ayubidas atacaram os cruzados, que ficaram presos e indefesos na metade do terreno pantanoso. O legado Papal teve que pedir a paz e aceitar a imposição de abandonar Damietta.

Os conflitos entre os cruzados agudizaram-se e perdeu-se tanto tempo que os egípcios recuperaram forças. Em julho de 1221, o cardeal ordenou uma ofensiva contra o Cairo, mas os muçulmanos foram retirando e levando os cruzados a uma armadilha; sem comida e cercados acabaram por ter de chegar a um acordo: retiravam do Egito e tinham as vidas salvas. Tiveram também de aceitar uma trégua de oito anos.

Não obtiveram todos os seus objetivos, já que os reforços prometidos por Frederico II não chegaram, razão pela qual ele foi excomungado pelo Papa Gregório IX. Essa foi a última cruzada para a qual o Papado mandou suas próprias tropas.

Pesquisa de:

Carlos Navarro 